



TURISMO, EDUCAÇÃO E TRABALHO DE CAMPO EM UMA PAISAGEM PROTEGIDA: uma realidade observada, analisada e contextualizada

Jean Carlos Vieira Santos
Universidade Estadual de Goiás

Daniella Paula de Freitas
Universidade Estadual de Goiás

Vandervilson Alves Carneiro
Universidade Estadual de Goiás

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo central suscitar uma discussão acerca de um trabalho de campo realizado em paisagens urbanas e rurais do município de Costa Rica no estado de Mato Grosso do Sul, abordando o conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada no tempo e espaço. Sabe-se que o turismo científico em áreas protegidas é um momento importante de inserção do pesquisador nos lugares e região de pesquisa. Nesse contexto, o recorte espacial deste trabalho traz o Parque Municipal Salto do Sucuriú, com suas cachoeiras e vegetação de Cerrado que formam uma beleza e exuberância cênica, e juntos agregam valor e despertam o interesse do visitante que chega a esse destino turístico. Como resultado, o trabalho descreve e analisa a atividade científica realizada pelos acadêmicos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG – Regional Quirinópolis).

Palavras-chave: Cidade pequena. trabalho de campo. turismo em Costa Rica. Cerrado.

TOURISM, EDUCATION AND FIELDWORK IN A PROTECTED LANDSCAPE: an observed, analyzed and contextualized reality

Abstract

The main objective of this work is to discuss a fieldwork carried out in urban and rural landscapes of the municipality of Costa Rica in the state of Mato Grosso do Sul, addressing knowledge based on the observed, analyzed and contextualized

reality in time and space. It is known that scientific tourism in protected areas is an important moment of insertion of the researcher in the research places and region. In this context, the spatial clipping of this work brings Salto do Sucuriú Municipal Park, with its waterfalls and Cerrado vegetation that form a scenic beauty and exuberance, and together they add value and awaken the interest of the visitor who arrives at this tourist destination. As a result, the paper describes and analyzes the scientific activity carried out by the academics of the Geography course of Universidade Estadual de Goiás (UEG – Quirinópolis regional).

Keywords: Small town. FIELDWORK. Tourism in Costa Rica. Cerrado.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo central suscitar uma discussão acerca de um trabalho de campo¹ realizado em paisagens urbanas e rurais do município de Costa Rica (Figura 1), localizada no Estado de Mato Grosso do Sul (MS), abordando o conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada no tempo e espaço. Pois se sabe que o turismo científico e educativo em áreas protegidas é um momento importante de inserção do pesquisador nos lugares e região de pesquisa.

Figura 1: Avenida na área central da cidade de Costa Rica (MS). Esse núcleo urbano está localizado no nordeste do Estado de Mato Grosso do Sul, distante 390 quilômetros da capital estadual (Campo Grande) e 800 quilômetros de Brasília (Capital do Brasil). Essa cidade indica uma tendência a ser palco de um complexo movimento turístico em áreas naturais.



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Portanto, pode-se dizer que o referido trabalho utiliza os métodos “analíticos” e de “estudo de caso”, pois entende-se que existe uma relação próxima entre eles. Sendo assim, inicialmente, é possível destacar as palavras de Boaventura (2007, p.55) ao afirmar que se “[...] o estudo é do presente, pode-se utilizar o estudo de caso”. Pois é uma investigação que parte da observação de paisagens por meio da percepção, fundamentando-se essencialmente em como cada indivíduo percebe, reage e responde à sua interação em relação aos elementos do ambiente.

Quanto aos aspectos metodológicos este foi dividido em duas fases. A primeira destaca-se o levantamento das referências, discutindo conceitos de ecoturismo e geoturismo. A segunda fase apresenta resultados e análises do trabalho de campo de campo no Parque Natural Municipal Salto Sucuriú (Costa Rica/MS), considerado como o trabalho empírico relevante, pois viabiliza o diálogo do investigador, no campo, com a espacialidade real.

Colocando em jogo não somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo, mas também a relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, observador e observado, que é troca de conhecimento acerca do ensino e lugares de interesses diversos. Santos (1999, p.120) diz que a importância do empírico é promover contato, ou seja, é a “[...] análise voltada para as tendências de interpretações que os pesquisados promovem do mundo, num movimento dinâmico orientado pelas determinações do lugar”, atividade essa fundamental na construção do presente trabalho.

ECOTURISMO E GEOTURISMO: TEORIAS EM MOVIMENTO

Embora haja uma grande variedade de estudos sobre Turismo em Áreas Naturais no Brasil, trazendo um viés extremamente amplo de teorias, optou-se neste momento do trabalho pelos conceitos de ecoturismo e geoturismo, tendo em vista que os elementos naturais são os grandes atrativos do Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú, em Costa Rica/MS (Figura 2). Na concepção de Costa o uso turístico desses recursos naturais localizados em Unidades de Conservação (UC) federal, estadual ou municipal, como no caso do objeto de estudo investigado:

[...] deve enfatizar sob um prisma diferenciado o ser humano, separando em lado diversos a população e o turista. Essa ótica se faz necessária para que os diferentes aspectos, tanto de planejamento como de gestão – no caso das Unidades de Conservação – atendam adequadamente à proposta de desenvolvimento sustentável, em que todos saem lucrando: ambiente natural, população local e turista (COSTA, 2002, p.65).

Figura 2: Área de receptividade do Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú, distante três quilômetros do núcleo urbano. Observamos que dentro dessa realidade vivem pessoas com conhecimentos sobre a relevância da atividade no município de Costa Rica.



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Portanto, ao estudar o segmento turismo em Áreas Naturais ou Unidades de Conservação observa-se “[...] ser uma atividade ambivalente que tanto pode gerar riquezas, valorizar espaços, promover novas relações entre os povos e culturas como, simultaneamente, tornar-se predador cultural, degradador ecológico e explorador econômico” (QUEIROZ, 2006, p.80). Cabe, em decorrência dessas considerações teóricas, alargar o debate em torno da organização turística em áreas de preservação, bem como seus usos, apropriações e contemplações.

Diante dessas observações, Cândido (2003, p.25) escreve em sua obra que o segmento do turismo baseado na natureza é conhecido como “[...] ecoturismo, turismo ecológico, turismo verde, turismo de aventura [...], turismo sustentável”. Para alguns estudiosos, a expressão ecoturismo surgiu na década de 1980, podendo ser definida como o “uso ecológico do meio ambiente pelo turismo clássico, em atividades que possam se desenvolver com critérios de mínimo impacto ambiental” (Ibidem, p.145).

Com sua difusão, o termo passou a ser associado de modo mais específico com

um tipo de turismo alternativo, onde os turistas realizam os seus entretenimentos engajados numa perspectiva ecológica cultural. Nesse cenário teórico, Matteucci (2003, p.23) cita que o ecoturismo é essencialmente a proposta de um turismo diferenciado “[...] sob a ótica de preservação/conservação da natureza/cultura, sendo essas finalidades sintetizadas dentro dos princípios da sustentabilidade, a palavra mágica que, presente, legítima e qualifica qualquer modalidade de usos, ações e atividades”.

Analisando bibliograficamente as diferentes abordagens sobre ecoturismo, é possível afirmar que o crescimento dessa atividade se deve principalmente ao crescente interesse global por temas ambientais. Moreira (2011, p.23), então, observa que o ecoturismo tem demonstrado ser “[...] um dos mais eficientes instrumentos econômicos adotados por governos e setores comprometidos com o meio ambiente para financiar e garantir a proteção de ecossistemas”. A essência do produto ecoturismo é a interpretação do ambiente, pois a principal motivação de quem pratica essa atividade é a apreciação da natureza.

De acordo com Medina e Santamarina (2004, p.42), o ecoturismo se associa a “[...] los bosques y espacios naturales, y el agroturismo [...]”. En el ecoturismo las necesidades que se deben satisfacer son principalmente las de disfrutar, observar y estudiar un medio natural relativamente poco antropizado y bien conservado”. Marra (2001, p.65) corrobora com essa discussão, ao escrever que o ecoturismo se coloca fundamentalmente em oposição ao consumismo:

[...] possuindo a característica de despertar nas pessoas a sensação de lugar, a excitação de novas experiências e a oportunidade de aprendizagem. Os produtos de ecoturismo são baseados no sentido de preservar e proteger o patrimônio ambiental e cultural e não em transformá-los em algum mundo da fantasia tipo Disneylândia.

Assim, tendo em vista que é cada vez maior a necessidade de ampliar a discussão sobre o turismo praticado em Unidades de Conservação, surgem às bibliografias abordando o geoturismo, colocando essa temática como uma nova oportunidade de debater o turismo realizado em áreas naturais. Pois entende-se que existe uma relação entre o turismo praticado em paisagens com parte da natureza preservada e os patrimônios geológicos e geomorfológicos.

Cabe aqui ressaltar que, da mesma forma que ecoturismo e turismo ecológico têm significados diferentes, o geoturismo não é somente turismo geológico. O termo vem da junção das palavras geologia e turismo e não geografia e turismo. Conceitualmente trata-se de uma modalidade de turismo que se caracteriza pela valorização do patrimônio geológico/geomorfológico. Portanto, o geoturismo é tratado como uma:

[...] segmentação sustentável, realizada por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo essa a sua principal motivação de viagem. Apesar de ser um novo segmento, não chega a ser considerado um modismo, pois se fosse um termo passageiro não integraria documentos oficiais da UNESCO e não estaria sendo tão pesquisado a nível mundial (MOREIRA, 2011, p.28-29).

O segmento geoturismo em áreas como o Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú, tem funcionado “[...] como opção de lazer, educação, recreação e contemplação da beleza cênica, além de promover a divulgação, preservação e conservação de forma eficiente e interessante” (NASCIMENTO; RUSCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008, p.8-9). Diante das teorias aqui movimentadas e utilizando a obra de Moreira (2011), é possível afirmar que o ecoturismo, turismo de aventura, turismo científico, geoturismo, entre outros, podem estar vinculados, visto que os meios interpretativos voltados aos aspectos geológicos podem ser utilizados por qualquer uma das modalidades de turismo praticadas em áreas naturais.

UNIDADE DE CONSERVAÇÃO MUNICIPAL SALTO DO SUCURIÚ

Quando se fala em Conservar, logo vêm diversas teorias expondo ideias de guardar ou cuidar de territórios que por ventura possam estar correndo algum tipo de risco, como extinção ou degradação. Essa abordagem é expressa por Cândido (2003, p.69) ao entender que esses territórios, paisagens ou áreas, por vezes, possuem uma delimitação ou demarcação. Com o intuito de preservar ou conservar esses espaços é que são apresentadas definições de Unidade de Conservação:

Conforme definição da Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEMA) do Estado do Mato Grosso, Unidades de Conservação são áreas protegidas em regiões que possuem importantes recursos naturais, tais como: animais, plantas, córregos, rios, cachoeiras, morros, serras.

Esses espaços visam atender a uma demanda bem variada como pesquisa científica, manutenção da diversidade natural, conservação da variabilidade da flora e fauna, recreação, dentre tantos outros objetivos. Nesse contexto, o recorte espacial desta investigação traz o Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú, com suas cachoeiras e vegetação de Cerrado que formam uma beleza e exuberância

cênica, e juntos agregam valor e desperta o interesse do visitante que chega a esse destino turístico.

A Unidade de Conservação Salto do Sucuriú possui uma área de 57 hectares. Uma particularidade dessa paisagem é o rio Sucuriú, responsável por nomear o parque e uma drenagem importante no Estado de Mato Grosso do Sul, afluente do rio Paraná. A principal atração do lugar é uma cachoeira com 64 metros, denominada de Salto Majestoso (Figura 3), uma beleza cênica sacralizada pelo olhar do visitante.

Figura 3: Salto Majestoso com 44 metros de altura, principal cachoeira do Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú. No lugar tem uma passarela de madeira que proporciona ao turista acesso e melhor observação da geologia, vegetação de Cerrado e drenagem. O olhar para atividade turística nessa pequena cidade não pode ser isolado do restante da rede econômica urbana.



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

De acordo com Guerra (1978, p.64), uma cachoeira pode ser definida como “[...] queda d’água no curso de um rio, ocasionada pela existência de um degrau no perfil longitudinal do mesmo”. As causas da existência dessas diferenças de nível no leito do rio podem estar ligadas as falhas, dobras, erosão diferencial e diques. As camadas rochosas desse atrativo pertencem a Formações Botucatu, que

segundo Brito (2001) e Santos (2010) é composta de arenitos de coloração que varia do cinza avermelhado ao vermelho, a deposição desses arenitos está associada a um transporte eólico em clima árido a semi-árido representando um campo de dunas em um deserto.

É importante registrar que nesse lugar turístico não existem informações relacionadas aos aspectos do patrimônio geológico e nem a produção de material promocional para ser utilizado em atividades interpretativas, educativas e de divulgação. Nesse caso, muitos visitantes que chegam ao Parque Natural Municipal Salto Sucuriú, trazem em suas bagagens o interesse em contemplar a queda d'água que está diretamente vinculada a singularidade da geologia e geomorfologia local.

Assim pode-se compreender que as paisagens hídras são valorizadas pelos que ali desfrutam do tempo livre. Entende-se que os elementos das paisagens:

[...] tais como vegetação, córregos, rios, represas, cachoeiras, o silêncio, a sombra, a monotonia e movimento, fauna e flora, são elementos percebidos e valorizados em função do vivido em um ambiente cujas características diferem dos percebidos no ambiente rural (BRACONARO, 2011, p.130).

São lugares que marcam a viagem de turistas e estudantes/turistas que, ao retornarem ao destino de origem, com suas fotografias e lembranças, motivam outras pessoas a conhecê-los, tornando o destino turístico. Neste sentido, a unidade de conservação assim inventada para e pelo o turismo transforma-se em uma paisagem de consumo daqueles que buscam novas experiências (SANTOS, 2013).

Vale ressaltar ainda, que o espaço, denominado de rio Sucuriú e Salto Majestoso, proporcionam múltiplas atividades de lazer, que se realizam com o *rafting*, pedestrianismo em trilhas e rapel. Esse fato demonstra que o turismo de aventura também promove o lugar, no qual a principal motivação é a busca por experiências que tragam emoção e adrenalina. Neste sentido, “[...] esse é um segmento que apresenta importância estratégica para o desenvolvimento do turismo no Brasil como fator de desenvolvimento social local” (MOREIRA, 2011, p.23).

Atualmente (2017), no Parque Municipal Natural Salto do Sucuriú, o turista tem a sua disposição três circuitos de tirolesa e o arvorismo com nove estações e 170 metros de percurso. O atrativo possui área para estacionamento de veículos, lanchonetes, banheiros, quadra de areia, portão de entrada, orquidário, quiosques, piscinas e mirantes. Mas faltam infraestruturas importantes para o acolhimento dos visitantes, como centro de visitantes, quiosques de informação, museu ou mostruário, exposições marginais, loja de conveniência com produtos

loais e sinalização turística educativa. Espera-se que com o aumento do fluxo de turistas, possam ocorrer outros investimentos que são necessários.

TURISMO, EDUCAÇÃO E TRABALHO DE CAMPO NA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO MUNICIPAL SALTO DO SUCURIÚ E CIDADE DE COSTA RICA (MS)

Esta fase do trabalho descreve e analisa a atividade científica realizada pelos acadêmicos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG/Quirinópolis), abordando o conhecimento a partir da realidade observada e contextualizada no tempo e espaço do Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú. Essa visita científica foi um momento importante de inserção dos estudantes no lugar, viabilizando diferentes diálogos com a espacialidade ecoturística real.

Nesse contexto, as palavras de Santos não são menos significativas, pois sublinha que o turismo pedagógico ou trabalho de campo:

[...] vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro (SANTOS, 1999, p.117).

A literatura citada destaca ainda que, a partir da memória e do gênero de vida das populações pesquisadas, pode-se extrair e lapidar os elementos que permitam compreender com profundidade os sentimentos e as experiências que tornaram possível a vida das pessoas no lugar, se adaptando e apropriando dos elementos físicos (Geoturísticos) da paisagem. Esse procedimento permite professores e acadêmicos analisarem as transformações do espaço, paisagens, territórios e a conservação ou destruição desses elementos naturais nos lugares.

Com a discussão aqui feita, acredita-se que o turismo científico é o procedimento que possibilita Geógrafos, entre outros registrarem sua compreensão sobre a área de estudo e essa presença nos lugares é também uma “[...] oportunidade de melhorar a percepção e compreensão das diversas manifestações que ocorrem no espaço” (SANTOS, 2010, p.30), fundamental para vivenciar as implicações relativas aos aspectos físicos naturais e humanos, sendo internalizadas cada vez mais por máquinas fotográficas.

Nesse contexto, Cavalcante (2007, p.72) sublinha que o turismo científico e escolar desenvolvido em áreas de proteção ambiental e de beleza cênica formada pelo conjunto rochoso e pelos recursos faunísticos e fitogeográficos, bem como pelos vestígios arqueológicos, é:

[...] cenário e laboratório vivo de pesquisadores de diversas instituições e localidades. São geógrafos, biólogos, geólogos, turismólogos, historiadores, entre outros profissionais, atraídos pela diversidade ambiental e cultural do local. O Parque Estadual da Pedra da Boca recebe alunos e professores das mais variadas modalidades de ensino, do fundamental ao superior, encontrando no ambiente local a possibilidade de vivenciar *in loco* o saber acadêmico da sala de aula.

De acordo com Braga (2011), Rezende e Santos (2013), essas atividades compõem estratégias para a produção do conhecimento. Nas práticas escolares e/ou acadêmicas, o mesmo é apropriado por quase todas as concepções de ensino ou de ciência, com destaque para as correntes empiristas. Nesse sentido, Veloso (2007, p.17) define esses momentos como visita técnica que, é, com certeza, o melhor ensinamento teórico e prático. E que:

A aparelhagem para a realização da visita técnica deve se basear no empirismo e na racional (real) conjuntamente, ou seja, no que é visível e formal e no que contado e certificado (demonstrado, legítimo). Como o próprio termo diz: Visita (Vistoria, inspeção, ato ou efeito de visitar, de ver, por dever, por interesse ou por curiosidade) e Técnica (maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo), mostra, dessa maneira, a presença científica a o mesmo tempo “processual e providencial” do conhecimento de determinado produto para estudos, curiosidade ou até de valorização pessoal.

Para o referido autor, o ato da visita técnica deve se basear no aprofundamento do conhecimento do objeto anteposto para estudo, análise e avaliação. Feltran Filho et al. (2010, p.77) escrevem que um estudo da observação de paisagens por meio da percepção fundamenta-se, essencialmente em como cada indivíduo percebe, reage e responde à sua interação em relação aos elementos do ambiente: “[...] as respostas ou manifestações dos observadores são resultantes de percepções, de processos cognitivos, interesses e motivações individuais.

Santos (2013), Marques (2011), Rezende e Santos (2013) destacam que o trabalho *in loco*, além de enriquecer a pesquisa com material ilustrativo e fontes primárias, permite ler a paisagem, espacializar a investigação e decifrar/desvendar a problemática, desenvolvendo o trabalho e buscando

respostas aos questionamentos levantados. Em alguns momentos do turismo científico realizado em locais como o Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú, o inesperado se impôs, fazendo nos reavaliar o cenário posto, superando as barreiras da observação.

Conforme Moura e Silva (2009, p.9-10), a pesquisa empírica deverá garantir abordagens interpretativas da realidade visualizada, seja ele um campo local, regional ou nacional. Ora, sendo assim, o preparo dessas visitas científicas exige:

[...] um esforço alargado e apresenta desafios especiais para o professor e universidade, fazendo-se necessário o planejamento, a sensibilização dos graduandos envolvidos, bem como as providências materiais (GPS, máquinas fotográficas, cadernos de campo, entre outros), contatos com hotéis, restaurantes e guias, e finalmente a produção de roteiros com as atividades a serem desenvolvidas.

Isto nos faz pensar aqui nas leituras de Oliveira e Bueno (2009) ao se referenciar à paisagem como uma potencialidade e pilar, impregnados de sentidos e valores estéticos que representam um processo de construção dos trabalhos de campo e turismo científico. Ainda para as referidas autoras essas são importantes “[...] para estudantes de Turismo, Geografia, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Técnico e diversas áreas do saber, pois comporta uma multiplicidade de ações e práticas educativas” (OLIVEIRA; BUENO, 2009, p.49).

Por meio dessas ponderações conceituais/teóricas, pode-se afirmar que os acadêmicos que visitaram o Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú tiveram diferentes contatos com “[...] um espaço que extrapola os muros do seu cotidiano tornando-se um visitante, ou seja, um turista em busca de conhecimento científico” (REZENDE; SANTOS, 2013, p.4). Porém tais circunstâncias não significam a negação de que naquele lugar se faz presente um acadêmico que busca compreender e discutir as densidades e formas de usos do espaço.

Durante o trabalho de campo/turismo científico realizado pelos acadêmicos do curso de Geografia da UEG nesse território foi sublinhada a forte presença de capitais oriundos do agronegócio no município de Costa Rica, ressaltando as transformações significativas em intervalos curtos de tempo, da composição e produção do espaço urbano. Direcionando, assim, a análise para a cidade real e concreta com lócus para o moderno e os investimentos públicos, privados e produtivos, com uma cotidianidade influenciada pelo modo de vida e cultura dos povos do Bioma Cerrado. Com suas formas e traços que expõem elementos e representações de sujeitos que foram sedimentando suas táticas de vida.

Em Costa Rica, foi investigada a importância da natureza em seus limites municipais e os traços modernos favorecidos pela arquitetura urbana.

Especificando que esse pequeno núcleo urbano tem seus “[...] arranjos peculiares que ajudam a compreender o desenvolvimento de tais espaços” (ENDLICH, 2009, p.260). Apenas em lugares, específicos do espaço urbano, como a Casa do Artesão/Centro de Informação Turística e paisagens naturais que os visitantes se fazem presentes, apresentando uma espacialidade de dinâmica diferenciada. Em muitas cidades pequenas, o artesanato pode ser considerado uma:

[...] arte popular criativa, como oferta complementar ao produto turismo cultural em espaço urbano, é uma atividade social e econômica que tem assumido relevância. [...] Numa lógica de renovação de territórios culturais, de arranjos dos espaços públicos, de valorização e requalificação de antigos bairros ou setores particulares da cidade. Os contributos positivos do desenvolvimento da arte popular criativa para os núcleos urbanos turísticos estão também associados à criação de melhores condições de vida para os artesãos tradicionais e contemporâneos do lugar (SANTOS; SILVA, 2016, p.212).

Na Casa do Artesão o grupo de estudantes conheceu os saberes e fazeres de base local, uma prática social e cultural, construídos a partir de um modo de vida, onde as pessoas do lugar envolvidas encontram as condições de se constituir como ser social, de enfrentar suas dificuldades cotidianas e de reproduzir suas humanidades. Neste viés, foi compreendido que “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte [...]” (CLAVAL, 1999, p.63).

Nesse contexto, os arranjos e a capacidade de envolvimento dos moradores locais são fundamentais para a produção tradicional artesanal: doces, crochê, bordados, entre outros, comercializados na Casa do Artesão de Costa Rica (MS). Para Coriolano (2009, p.160) esse artesanato “[...] pode ser direcionado para atividade turística, como forma de valorização do patrimônio cultural e das representações culturais do povo”. Nesse interior do Brasil, essa arte está impregnada de sentido e muitas vezes estão ligados à história de vida de cada artesão, representando a alma e memória do lugar. Pode-se afirmar que o:

[...] artesanato desenvolvido nos diferentes lugares do bioma Cerrado e de outros biomas brasileiros é um ramo da economia que pode apresentar as manifestações culturais e as tradições de cada povo, possibilitando o desenvolvimento do turismo de base local e concomitantemente gerando renda aos moradores artesãos (SILVA; SANTOS, 2016, p.33).

Para os moradores locais essa arte comercializada em um espaço público da cidade (praça) não perde seu sentido comunitário, pois têm para eles um simbolismo próprio, um esforço para o preparo não visto na produção capitalista, ela se constitui a sociabilidade e reciprocidade entre os membros da comunidade. Silva e Santos (2016) sublinham que nesse caso, pode-se afirmar que nos lugares de produção artesanal existe uma lógica de produção de pequena escala, acontecendo em diferentes bairros da cidade e, muitas vezes, nas relações de vizinhança.

Essa produção é comercializada nas próprias residências ou em espaços públicos. O uso dos lugares públicos pelo comércio artesanal enquanto forma de apropriação se realiza enquanto expressão de um modo de produção tradicional. Com base nesses apontamentos, não se pode deixar de reconhecer que os artesãos são sujeitos sensibilizados que se fazem presentes em contextos e lugares bastante particulares, singulares e sob uma perspectiva única de viver o artesanato. “São, porquanto, pessoas sensíveis à confecção de objetos que outros deixaram marginalizados ao longo do tempo” (SANTOS; SILVA, 2015, p.685).

Durante o trabalho de campo foi discutido que no senso comum, a cultura popular pode ser compreendida como algo que acontece espontaneamente, uma vez que “[...] é na vida cotidiana que acontecem as verdadeiras criações, as ideias, os valores, os costumes. Os sentimentos expressam-se no cotidiano” (LEFEBVRE, 1991, p.27). Em Costa Rica, o artesanato complementa o atrativo motivador que é o Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú, colocando a atividade turística como parte integrante do município, porém com meios de trabalho que não são constantes e dependem do fluxo de visitaç o que é maior nos finais de semana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudantes e turistas diversos que chegam ao Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú em Costa Rica (MS) vivenciam diversas experiências, entre elas o turismo de aventura, o ecoturismo e geoturismo. Pode-se dizer que o espaço proporciona múltiplas atividades de lazer, prazer, emoção e conhecimento. Mas é preciso pensar uma roteirização científica que facilite a circulação de turistas e moradores locais entre os atrativos do município, proporcionando condições favoráveis de contemplação das diversidades que formam essa paisagem do Cerrado.

Entre outros atrativos naturais de Costa Rica que poderiam contribuir com a formação de um destino turístico, estão: a lagoa água santa do Paraíso, a gruta do Tope de Pedra com suas inscrições rupestres, a cachoeira das Araras com 30 metros de queda, a cachoeira da Rapadura, o Parque Natural Municipal da Lage com suas corredeiras e gruta, Parque Estadual das Nascentes do Rio Taquari (um importante corredor ecológico do Cerrado-Pantanal).

Distante apenas 47 quilômetros de Costa Rica, no Estado de Goiás, está o Parque Nacional das Emas, um dos principais parques do Bioma Cerrado (Savana) brasileiro. É uma reserva com 132 mil hectares, com vasta diversidade de fauna e

flora. Entre os principais roteiros de visita o desse atrativo está a observa o da Bioluminescncia dos Cupinzeiros, que consiste na irradia o de luz fosforescente azul esverdeada, produzida por pequenas larvas que se hospedam nos cupinzeiros.

A economia da cidade Costa Rica/MS, não depende exclusivamente do turismo, mais do agronegócio, comércio e pequenas indústrias locais. Porem deve se ressaltar que a atividade turística desenvolvida nas áreas naturais faz o município receber um importante contingente de visitantes, dando oportunidade de emprego e renda para uma significativa parcela de moradores. Outro resultado importante para o segmento do turismo observado foi  participacão de empregos diretos gerados em hotéis, restaurantes e órgãos públicos. Este fato está associado ao considerável efeito que esse segmento possui dentro de um determinado sistema econmico.

Com as análises apresentadas neste trabalho, conclui-se que a atividade turística no âmbito econmico, trata de uma transforma o na sociabilidade humana de base local, mostrando a importância de sua sobrevivência, ainda que muitos não consigam perceber, o turismo e lazer como uma atividade econmica. Pois o geoturismo e ecoturismo podem proporcionar um grande intercâmbio de pessoas, porém a coexistência dessas pessoas pode aumentar as tensões sociais, e provocar desagradáveis comportamentos.

Para que essa intera o entre turistas e comunidade local seja satisfatória é preciso que os moradores locais se façam presente no planejamento da atividade, evitando ou minimizando os problemas sociais, econmicos e culturais que podem aflorar com o desenvolvimento do lazer e turismo em áreas naturais. Nesse contexto, é mister elencar, que a atividade turística fortalecida pelas visita es científicas de campo, se bem administrado, pode oferecer oportunidades de desenvolvimento, trazendo benefícios econmicos para as comunidades envolvidas.

É relevante a implanta o de uma política que vislumbre um planejamento integrado, compreendendo que somente possuir recursos naturais incomparáveis ou potencial turístico não é suficiente para que a atividade cresça. Portanto, o turismo educativo/científico s poderá produzir benefícios sociais, econmicos e ambientais se for planejado e gerenciado por profissionais qualificados. Finalizando essa abordagem, faz-se necessário destacar, que essa discussão conceitual está longe de se esgotar, pois são inúmeros os trabalhos produzidos discutindo o assunto aqui apresentado.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, E. M. Metodologia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2007.

BRACONARO, F. A geografia da pesca – modo de vida e lazer na Bacia do Rio Araguari – MG. Disserta o (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BRAGA, R. B. A (Re)Significação do conceito de natureza e ambiente no ensino básico: uma reflexão sobre as heranças iluministas e o trabalho de campo como mediação pedagógica. In: CAVALCANTE, L. de S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. de. A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de Geografia. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

BRITO, I. G. Geologia histórica. Uberlândia: EDUFU, 2001.

CÂNDIDO, L. A. Turismo em áreas naturais protegidas. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

CAVALCANTE, M. B. Parque Estadual da Pedra da Boca/PB: um olhar sobre o planejamento do ecoturismo em unidades de conservação na Paraíba. Revista OKARA: Geografia em Debate, v. 1, n. 2, p. 62-78, 2007.

CLAVAL, P. A Geografia cultural. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudanças. Fortaleza: EdUECE, 2009.

COSTA, P. C. Unidades de conservação: matéria prima do ecoturismo. São Paulo: ALEPH, 2002.

ENDLICH, Â. M. Pensando os papéis e significados das pequenas cidades. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

FELTRAN FILHO, A.; SANTOS, J. C. V.; MASSOCHINI, L.; COSTA, A. G.; ASSUNÇÃO, W. L. Visita ao deserto do Atacama – Norte do Chile: olhares e percepções geográficas. UEG em Revista, v. 1, n. 6, n. p., dez. 2010.

GUERRA, A. T. Dicionário geológico-geomorfológico. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

MARQUES, L. M. A festa em nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia – Uberlândia (MG). 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MARRA, R. J. C. Espelo turismo: planejamento e manejo de cavernas. Brasília: WD Ambiental, 2001.

MATTEUCCI, M. B. de. A. Ecoturismo em Goiás – teoria e prática. In: ALMEIDA, M. G. de. Paradigmas do turismo. Goiânia: Alternativa, 2003.

MEDINA, N.; SANTAMARINA, J. Turismo de natureza em Cuba. Ciudad de La Habana: Ediciones Unión, 2004.

MOREIRA, J. C. Geoturismo e interpretação ambiental. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2011.

MOURA, P. S.; SILVA, M. L. Trabalho de campo nas paisagens turísticas do destino Canastra – Minas Gerais. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica. Uberlândia: Comoser, 2009.

NASCIMENTO, M. A. L. do; RUCHKYS, U. A.; MANTESSO-NETO, V. Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. Natal: UFRN, 2008.

OLIVEIRA, F. F. de; BUENO, K. F. Estudantes turistas na cidade de Lagoa Santa (Goiás): das águas termais ao relatório de campo. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica. Uberlândia: Comoser, 2009.

QUEIROZ, O. T. M. M. Atividades Turísticas e Recursos Naturais. In: QUEIROZ, O. T. M. M. Turismo e Ambiente: temas emergentes. Campinas: Alínea, 2006.

REZENDE, N. A. P.; SANTOS, J. C. Vieira. Turismo científico nas cidades do entorno do Parna Emas (GO/MT/MS). In: SIMPÓSIO DE TURISMO SERTANEJO, 7., 2013, Ituiutaba. Anais... Ituiutaba: UFU, 2012.

SANTOS, J. C. V. Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V. Turismo científico no Parque Municipal Saldo do Sucuriú (Costa Rica/Mato Grosso do Sul/Brasil). In: ECONOMIA, SOCIOLOGIA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO RURAL, 1., 2013, Évora. Anais... Évora: Universidade de Évora, 2013.

SANTOS, J. C. V.; SILVA, J. A. A arte da olaria no turismo da região Algarve, Portugal. Turismo – Visão e Ação, v. 17, n. 3, p. 658-690, set./dez. 2015.

SANTOS, J. C. V.; SILVA, J. A. Arte popular criativa e turismo cultural na cidade de Loulé (Algarve/Portugal). Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 10, n. 2, p. 212-232, maio/ago. 2016.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. Sociedade & Natureza, n. 11, n. p., jan./dez. 1999.

SILVA, M. C. da; SANTOS, J. C. V. Artesanato e cultura local: uma possibilidade de renda e desenvolvimento da atividade turística. Caminhos de Geografia, v. 17, n. 60, p. 31-47, dez. 2016.

VELOSO, M. P. Visita técnica: uma investigação acadêmica. Goiânia: Kelps, 2007.

Contato com o autor: Vandervilson Alves Carneiro <vandervilson.carneiro@ueg.br>

Recebido em: 21/07/2017

Aprovado em: 13/12/2017

ⁱ Esta investigação traz parte dos resultados do Projeto de Pesquisa (2012-2017): “Paisagens Cênicas, Atrativos Culturais e Atores Sensibilizados: trinômio importante para o desenvolvimento da atividade turística”, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Quirinópolis).